

## TERRITORIALIZANDO AS EXPERIÊNCIAS JUVENIS: INTERFACES ENTRE O PROJETO JUVENTUDE(S) E O SINTONIZANDO NA TRANSFORMAÇÃO

Territorializing youth experiences: interfaces between the juventude(s) project and sintonizando na transformação

Territorializando las experiencias jóvenes: interfaz entre el proyecto juventude(s) y sintonizando na transformação

**Beatriz Akemi Takeiti**

<https://orcid.org/0000-0003-2847-0787>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Terapia Ocupacional e Programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, EICOS, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Larissa Mazzotti Santamaria**

<https://orcid.org/0000-0002-9350-1159>

Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas, COMEC, Campinas/SP e Programa de Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

### Resumo

Este ensaio fotográfico propõe pensar algumas abordagens territoriais e comunitárias em Terapia Ocupacional com jovens em dois projetos distintos: o Juventude(S) e o Sintonizando na Transformação. Ambos atuam com jovens, no primeiro, estudantes de escola pública e moradores de um conjunto de favelas no Rio de Janeiro, e, no segundo, jovens em conflito com a lei após cumprimento de medida socioeducativa de Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade em Campinas/SP. Iniciamos apresentando os dois projetos bem como os distintos territórios em que eles ocorrem. Em seguida, procuramos estabelecer, a partir das imagens dos projetos, um diálogo sobre as experiências cujas reflexões direcionam-se para as ações territoriais e comunitárias em terapia ocupacional.

**Palavras-chave:** Juventude. Abordagens territoriais e comunitárias. Arte-cultura. Terapia Ocupacional.

### Abstract

This photo essay proposes thinking about some of the territorial and community approaches in Occupational Therapy with young people in two different projects: the Juventude(S) and Sintonizando na Transformação. Both work with young people, the first with public school students and, the second with residents of a group of favelas in Rio de Janeiro and young people in conflict with the law after complying with the socio-educational measure of Assisted Freedom in Campinas/SP. We begin by presenting the two projects as well as the different territories in which they take place. Following that, we try to establish, based on the images of the projects, a dialogue about the experiences whose reflections are directed towards territorial and community actions in occupational therapy.

**Keywords:** Young. Territorial and Community approaches. Art culture. Occupational Therapy.

### Resumen

Este ensayo fotográfico propone pensar algunos abordajes territoriales y comunitarios con jóvenes en dos proyectos diferentes - el Juventude(S) y Sintonizando en la Transformación. Ambos trabajan con jóvenes - estudiantes de escuelas públicas y residentes de un conjunto de favelas en Rio de Janeiro y jóvenes en conflicto con la ley luego de cumplir con la medida socioeducativa de Libertad Asistida y Prestación de Servicios a la Comunidad en Campinas/SP. Comenzamos presentando los dos proyectos así como los diferentes territorios en los que se desarrollan. A continuación, tratamos de establecer, a partir de las imágenes de los proyectos, un diálogo sobre las experiencias cuyas reflexiones se orientan hacia acciones territoriales y comunitarias en terapia ocupacional.

**Palabras clave:** Juventud. Enfoques territoriales y comunitarios. Cultura artística. Terapia ocupacional.

### Como Citar:

Takeiti, B.A. & Santamaria, L.M. (2023). Territorializando as experiências juvenis: interfaces entre o projeto Juventude(S) e Sintonizando a Transformação. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 7(3), dossiê temático:1844-1853. DOI:10.47222/2526-3544.rbto57651

## 1. Introdução

Já dizia Bondía (2002) que a experiência de difícil traduzibilidade é aquela que nos afeta, que passa por nós, que nos toca e, complementando o autor, que nos deixa marcas. Fato é que a experiência, seja ela qual a dimensão que a tenha, é aquilo que nos acontece. Pois bem, aqui, tentaremos traduzir em palavras e imagens fotográficas, dois projetos que correm em paralelo, mas que dialogam a partir das ações territoriais e comunitárias empreendidas à luz da Terapia Ocupacional – aquelas em que jovens, em situação de vulnerabilidade, protagonizam fazeres, muitos fazeres, em arte-cultura, em tecnologia digital e em mídias sociais.

Experiências comunitárias e territoriais na Terapia Ocupacional não são recentes, datam do final da década de 1970 e início de 1980 e surgem como respostas às vivências cotidianas marcadas pelas violências e vulnerabilidades de grupos sociais determinados (Barros, Lopes & Galheigo, 2007). Para Correia, Pulido e Ramirez (2021), pensar o comunitário à luz da Terapia Ocupacional permite olharmos para as disjunções do tecido social coletivo que, de certo modo, ameaçam a participação social de sujeitos que vivenciam cotidianos marcados pelos processos de exclusão. Para eles, a “comunidade”, mais do que os vínculos, prescinde de “um conhecimento apreendido nos processos de enfrentamento coletivo” (p.459).

Assim, o Projeto Juventude(S) constitui-se de uma ação de extensão, diríamos, comunitária, desenvolvida pelo Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desde 2015. Ele ocorre no conjunto de favelas do Complexo do Alemão no Rio de Janeiro. As ações inicialmente foram pensadas para atender um público jovem inserido em uma escola pública de ensino médio, ligados à Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC) e à organização não-governamental Espaço Democrático de União, Convivência, Aprendizagem e Prevenção (EDUCAP). Com essas atividades, buscamos interferir no cotidiano de jovens em situação de vulnerabilidade social a partir da oferta de oficinas cujas abordagens permeiam atividades de arte-cultura para ampliar os repertórios educacionais, sociais e ocupacionais visando uma formação que garanta direitos de cidadania, com a premissa de reconhecer a diversidade identitária juvenil (Takeiti & Gonçalves, 2021).

As memórias territoriais do Complexo do Alemão guardam múltiplas narrativas. São muitas vozes que falam sobre esse lugar, nem sempre consensuais. Mas aqui, vale destacar que o CPX (sigla comumente utilizada para se referir ao Complexo) se localiza na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, na Área de Planejamento AP3. É uma região com densidade demográfica alta, constituída por um aglomerado de favelas. Cabe salientar que, entre os 1.143.773 moradores de favelas no Rio de Janeiro, 4,2% vivem no Complexo do Alemão, o que corresponde a 60.500 habitantes (Instituto Pereira Passos, 2017).

Já o Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas (COMEC, 2018) é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) ou não-governamental (ONG), de utilidade pública municipal, estadual e federal que, desde 1980, vem atuando junto a adolescentes em conflito com a lei e seus familiares no município de Campinas. A partir de 1990, passa a seguir as premissas do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) em suas práticas socioeducativas. Atualmente, atua na Política de Assistência Social em parceria com a gestão municipal no cumprimento das medidas socioeducativas em meio aberto de Liberdade Assistida (LA) e Prestação de Serviços à Comunidade (PSC).

O COMEC localiza-se na região sul, próximo a região central da cidade. Atende todos os territórios do município de Campinas e, para tal, desenvolve diversas ações fora do âmbito institucional por meio de parcerias com a rede de serviços e da utilização dos espaços públicos e comunitários (praças, quadras de esportes, centro de lazer, parques, entre outros).

Desde 2019, o COMEC desenvolve o projeto Sintonizando na Transformação através da parceria com a Fundação FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas) por meio de uma equipe multiprofissional, sob a coordenação de terapeutas ocupacionais. O projeto constitui-se em uma ação cujo objetivo é capacitar jovens após o cumprimento das medidas socioeducativas em meio aberto, em mobilizadores sociais capazes de fomentar a interação entre a juventude em conflito com a lei e a juventude dos territórios periféricos do município, utilizando o estímulo à cultura juvenil através dos recursos das mídias sociais e das tecnologias digitais, de modo que favoreça o distanciamento do universo infracional e que permita a constituição de novos projetos de vida.

O diálogo com o território e a comunicação entre os/as jovens são elementos centrais nesse projeto, reconhecendo a expressão das experiências vividas por esses/as jovens como potencial para construção de conteúdos que ressignifique trajetórias de vidas entre os/as demais jovens, rumo à mudança de papéis sociais em suas comunidades de origem.

Baseado nos estudos dos autores Dayrell (2002), Costa (2006) e Freire (1987), observa-se que o/a jovem pode passar de espectador passivo a criador ativo, contribuindo para o seu reconhecimento enquanto sujeito capaz de fazer escolhas, ou seja, protagonistas de transformações pessoais e sociais. Tanto o Juventude(S) quanto o Sintonizando apostam num trabalho territorial e comunitário junto a jovens que vivenciam cotidianos marcados por violências e vulnerabilidades, mediado sempre por atividades grupais que envolvem a produção de arte-cultura, de conteúdo para as mídias sociais e do uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC's).

A seguir, a partir das imagens de ambos os projetos, procuraremos dialogar sobre as ações empreendidas com jovens que, embora em territórios distintos, guardam em si muitas semelhanças nos modos de viver e olhar para a vida em comunidade.

## 2. O que as imagens dizem sobre o território dos jovens e sobre si?

O projeto Juventude(S) aposta nas oficinas de atividades de arte-cultura como dispositivos analisadores tanto de singularidades juvenis quanto do contexto social em que esses jovens estão inseridos – a favela, a quebrada, o beco, a viela, o bairro. A vida vai se expressando em cada gesto, em cada olhar, em cada ação, em cada ocupação no território. Já o projeto Sintonizando privilegia o diálogo e as expressões das histórias de vidas dos jovens como estratégia para a constituição de novos papéis sociais, utilizando das atividades grupais, oficinas socioeducativas e intervenções no território. O Juventude(S) também favorece essa escuta para que jovens reflitam e transformem o próprio território. Tais ações possibilitam a (re)construção da imagem desses jovens em suas comunidades e em meio a seus pares a partir da arte, da cultura e da comunicação dos fenômenos sociais tais como o racismo estrutural, o preconceito, a diferença de gênero, o machismo e a violência policial.



**Figura 1** Auto-Retrato - quem sou eu?

**Fonte:** Arquivo pessoal (Juventude(S), 2022).

Nesta atividade que nomeamos como *Auto-Retrato*, os adolescentes foram convidados a participar da oficina a partir do registro da própria imagem por câmera fotográfica em lugares escolhidos por eles. Alguns saíram do espaço institucional onde as ações aconteciam, outros procuravam registrar o corpo no lugar de convivência e encontro com outros corpos juvenis. Em seguida, passávamos a fotografia da câmera para o computador e projetávamos a imagem, através do datashow, no quadro da sala. Com uma folha tamanho A1 presa ao quadro, o jovem ia sendo convidado a contornar a própria imagem projetada na parede. O encantamento ao ver a própria imagem expandida no quadro causou espanto e alvoroço entre eles. Reações diversas foram expressas e um misto entre alegria e medo ao se ver projetado na tela inundou de várias falas emitidas: “sou eu mesmo aqui?” ou, “como estou bonito nesta imagem, mas... acho que não consigo me desenhar!”

Ao final, reflexões sobre o lugar que o corpo jovem ocupa nessa comunidade foram sendo trazidas pelo pequeno grupo de participantes.

Trabalhar o corpo adolescente, jovem, negra ou negro, favelada ou favelado tem sido uma aposta constante do projeto Juventude(S). Tais expressões permitem conceber não apenas quem são de fato esses jovens como conhecer realidades muito distintas de um mesmo território.

O mapa corporal, enquanto estratégia de abordagem, tem sido utilizado nas práticas clínicas em diferentes contextos há mais de 50 anos e, hoje, é incorporado também como método de pesquisa (GASTALDO et. al., 2013). Nas intervenções do Juventude(S), já foi explorado de diferentes maneiras e contextos. Aqui, diferentemente de outros momentos, construímos o mapa individualmente, como uma representação subjetiva e como espelho da própria imagem.



**Figura 2.** Desenhando o mapa corporal.

**Fonte:** Arquivo pessoal (Juventude(S), 2022).

Na figura 2, a jovem redesenha e contorna a própria imagem em papel e caneta. Uma forma de produzir narrativas sobre as experiências vividas. Para Takeiti e Gonçalves (2021), os mapas corporais expressam formas narrativas que guardam memórias e sentimentos que podem ser ativados sensorialmente. Eles também representam as vivências, individuais e coletivas, imaginárias e concretas, das experiências comunitárias de diferentes formatos.



**Figura 3.** Gravação do documentário Capadócia

**Fonte:** Arquivo institucional (Projeto Sintonizando na Transformação, 2022).

Esse mesmo corpo também pode ser filmado, gravado, virando cena. Na figura 3, por exemplo, a atividade refere-se à gravação do documentário sobre uma ocupação periférica de Campinas, Capadócia. Os/as jovens participaram de todo processo de elaboração, produção e edição. A atividade foi realizada em etapas, que incluíram: contato com as lideranças comunitárias, entrevistas com os moradores locais, elaboração de roteiro, captação de imagens e edição de áudio e vídeo. O documentário "*Capadócia*" surge da ideia de expressar as ausências de políticas sociais e de serviços públicos nos territórios periféricos da cidade e mostra o dia a dia dos moradores da Capadócia quanto às suas dificuldades e à falta dos serviços de saúde, educação, transporte, saneamento básico, habitação, entre outros, assim como revela como a comunidade se organiza para criar uma rede de apoio para dar conta de suas necessidades na ausência de responsabilidades do Estado.

O documentário foi lançado na unidade do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) Recanto Anhumas, aberto ao público e com participação dos moradores da ocupação e de outros adolescentes em cumprimento das medidas no COMEC.

Os/as jovens que circulam pelos territórios da cidade, quase nunca são vistos por suas potencialidades. Quando há experiência de ato infracional, eles/as carregam ainda a imposição da sujeição criminal (Misse, 2010). Estar e agir no território através de ações carregadas de subjetividade constituem-se, como estudados pelas autoras Takeiti e Vicentin (2016):

“num território-vivo [...] marcado por experiências não só de pobreza e violências, mas, sobretudo, de produções coletivas, criativas, formas inéditas de vida tecidas por meio de invenções estéticas na periferia, em que o estigma de ser jovem, negro e pobre dá lugar ao emblema, ao orgulho de ser da periferia” (p. 25).

Dessa forma, estes jovens romperam o binômio juventude e violência (Trassi & Malvasi, 2010) atribuído socialmente a eles e se uniram aos moradores locais para a produção de um documentário que revela, de forma artística, críticas quanto às falhas do Estado e do município na atenção à população local.



**Figura 4.** Oficina de fotografia - estudo das linguagens artísticas culturais  
**Fonte:** Arquivo institucional (Projeto Sintonizando na Transformação, 2021).

A oficina de fotografia tem sido outra atividade de formação técnica para os/as jovens mobilizadores sociais do projeto. Apresenta, em sua metodologia, a construção da temática junto aos/às jovens. Nessa ocasião, trabalhou-se o tema linguagens artísticas culturais por meio de grafites e pixos. As atividades foram realizadas no âmbito externo ao COMEC, principalmente em praças e na região central da cidade, utilizando câmera fotográfica profissional de uso exclusivo do projeto. Posteriormente, trabalhou-se na edição e na reflexão sobre as produções realizadas. Os/as jovens, ao final, refletiram que essas linguagens permitem uma comunicação que contesta sobre as diferenças sociais e que tornam visível pessoas excluídas socialmente.

O principal objetivo quanto ao uso da fotografia foi permitir que esses/as jovens se incluíssem em cenas diferenciadas no espaço urbano, dialogando com a cultura juvenil presente no grafite e nas pichações.

#podcast

#juventudes

#sintonizando



**Figura 5.** Alô, Crias, vem aí os podcasts Juventude(S) e Sintonizando na Transformação.

**Fonte:** Arquivo pessoal e institucional (Juventude(S) e Sintonizando na Transformação, 2023).

O podcast tem sido uma estratégia escolhida pelos/as jovens para permitir a reflexão e o debate sobre temas de interesses, principalmente com a presença de convidados que ajudam criticamente nas discussões. Tanto no Juventude(S) quanto no Sintonizando na Transformação, a aposta também tem sido na produção deste conteúdo.

Com a pandemia do Covid-19, o projeto Juventude(S), por exemplo, teve que ser readequado para que fosse possível dar continuidade às ações no território. Inventamos muitos modos de estar presencialmente sem estar fisicamente operando as oficinas. Assim, passamos a atuar de forma remota, impulsionando nossas parcerias através do uso das mídias sociais e das tecnologias de informação e comunicação (TIC's). Conteúdos para a página do *instagram*, rodas de conversa pelo *Youtube* e, mais recentemente, a produção de episódios para o canal do *Spotify* e *Sound Cloud*. Como no Sintonizando na Transformação, a equipe do Juventude(S) também produziu podcasts. Inicialmente, realizou-se o planejamento dos temas a serem abordados em cada episódio, em seguida, criou-se roteiro, definiu-se o *host* ou o entrevistador/a e, em seguida, gravamos as vinhetas de entrada e saída para explicar do que se tratava o projeto e o convite para os espectadores continuarem a ouvir os programas. Em cada episódio, são realizados convites aos participantes do tema para a gravação – estudantes da escola, professores/as, jovens do território, parceiros/as do projeto, moradores do Alemão. A produção dos programas tem sido feita de modo ainda muito artesanal, com os próprios celulares e microfones

peçoais da equipe. Em seguida, cada programa gravado passa a ser editado por um extensionista em aplicativo de edição, que adiciona as vinhetas de entrada e saída previamente gravadas até que o episódio seja inserido nos canais do Projeto – *Spotify* e *Sound Cloud*.

Na imagem acima, estudantes do Colégio Estadual Olga Benário Prestes, localizada em Bonsucesso, próximo ao Complexo do Alemão, foram convidados para uma conversa sobre “o que é ser jovem” e as expectativas para o ano de 2023. Essa tem sido uma iniciativa importante desenvolvida pelo projeto neste ano, pois problematiza questões vivenciadas pelos jovens e com os jovens e permite o “lugar de fala” diante da experiência vivida em territórios deflagrados pelas violências.

Já no Sintonizando na Transformação, na figura 5, vemos jovens no estúdio profissional do COMEC, fazendo a gravação de um episódio. O espaço do estúdio foi ambientado por meio do grafite, no qual foi escolhido para representação do projeto um homem que circula com a música na periferia da cidade, além de inclusão das *tags* (nome artístico) dos/as jovens.

Os temas escolhidos ao longo do projeto foram: machismo, guerra às drogas, violência policial e descaso na saúde. Esses quatro temas compõem os episódios no *canal do Spotify* e foram divulgados pelas mídias sociais do COMEC e do próprio Sintonizado na Transformação para acesso de outros/as jovens.

As experiências aqui relatadas sugerem pensarmos como os jovens, que vivenciam cotidianos marcados pelas violências e vulnerabilidade, respondem às questões sociais que lhes são colocadas. As imagens aqui trazidas de territórios tão distantes e distintos construíram pontes – pontes de contato, pontes de diálogo, pontes de compartilhamento de experiência. São muitos modos de se apresentar. Há muitos modos de se ver e fazer falar sobre os/as jovens que estão nas periferias e comunidades das cidades. E como duas terapeutas ocupacionais que utilizam das abordagens territoriais-comunitárias, as imagens dizem de um fazer na prática e de um saber que se constrói na experiência local, que também é global. A participação nas atividades de grupo revela e continua reverberando indagações de como esses/as jovens (re)constrõem mundos e a própria história engajados em um cotidiano de pouco acesso aos direitos que lhes são devidos.

## Referências

Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, (19): 20-28, abr. [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&tlng=pt](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&tlng=pt)

Brasil. (1990). Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. (1990). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília. [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei8069\\_02.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei8069_02.pdf)

Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas. COMEC: Uma trajetória de trabalho com adolescentes, 1 ed. Santa Bárbara d’Oeste: Gráfica mundo, 2018. 123p.

Costa, A. C. G. (2006). Fundamentos teóricos e metodológicos da pedagogia social no Brasil, In: I Congresso Internacional de Pedagogia Social, 1.

Correia, R. L., Pulido, J. S., Ramirez, R. R. (2021). Terapia Ocupacional Comunitária: entre o geral e o específico, In: Oliveira, F. N. G., Takeiti, B. A., Carvalho, C. R. A. *Terapia Ocupacional, saberes e fazeres*. Curitiba, PR: Brazil Publishing, 647p.

Dayrell, J. (2002). O rap e o funk na socialização da juventude. *Rev. Educação e Pesquisa*, São Paulo, 28 (1): 117-136, jan./jun. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/rqhzvRzXfWjTT4kqS7Swzfn/?lang=pt&format=pdf>

Gastaldo, D.; Magalhães, L.; Carrasco, C. (2013). Mapas corporais narrados: Um método para documentar trajetórias de saúde, resiliências, adoecimento e sofrimento. In: Fraga, A. B., Carvalho, Y. M., Gomes, I. M. (Org.). *As práticas corporais no campo da saúde*. São Paulo: Hucitec, 2013. p. 83-100.

Freire. P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Instituto Pereira Passos (2017). Panorama dos Territórios: UPP's Complexo do Alemão. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.riomaisocial.org/wp-content/uploads/2017/01/1-Panorama-dos-Territorios-UPPs-Complexo-do-Alemao.pdf>

Misse M. (2010). Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido". *Lua Nova* (79):15-38. <https://www.scielo.br/j/ln/a/sv7ZDmyGK9RymzJ47rD5jCx/?format=pdf&lang=pt>

Takeiti, B. A., & Vicentin, M. C. G. (2016). Jovens (en)cena: arte, cultura e território. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 24(1), 25-37. <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0667>

Takeiti, B. A., Gonçalves, M. V. (2021). *Juventude(s) e arte-cultura no Complexo do Alemão: narrativas de uma experiência em extensão*. 1a. Edição. Curitiba, PR: Brazil Publishing, p.153.

Trassi, M. L. & Malvasi, P. A. (2010). *Violentamente pacíficos: desconstruindo a associação juventude e violência*. São Paulo: Cortez.

**Contribuição das autoras:** B.A.T. participou da concepção do texto, organização das fontes, seleção das imagens, análise, redação e revisão. L.M.S. participou da concepção do texto, organização das fontes, seleção das imagens, análise, redação e revisão.

**Recebido em:** 27/03/2023

**Aceito em:** 03/05/2023

**Publicado em:** 15/08/2023

**Editor(a):** Monica Villaça Gonçalves